



NELSON MENESES DE CARVALHO NETO

**A IMAGEM DO SER HUMANO NO MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO, A PARTIR DA
PERSPECTIVA DO CEGO DE NASCENÇA (Jo 9, 1-7)**

SALVADOR
2023

NELSON MENESES DE CARVALHO NETO

**A IMAGEM DO SER HUMANO NO MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO, A PARTIR DA
PERSPECTIVA DO CEGO DE NASCENÇA (Jo 9, 1-7)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Católica do
Salvador, como requisito de aprovação do
Curso de Bacharelado em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Adilton Pinto Lopes

SALVADOR
2023

NELSON MENESES DE CARVALHO NETO

**A IMAGEM DO SER HUMANO NO MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO, A PARTIR DA
PERSPECTIVA DO CEGO DE NASCENÇA (Jo 9, 1-7)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teologia apresentado à
Universidade Católica do Salvador como requisito para obtenção do grau de Bacharel
em Teologia.

Aprovado em Salvador - BA, 2023.

Nota Obtida _____

Prof. Pe. Adilton Pinto Lopes

Orientador

Prof. Pe. Manoel de Oliveira Filho

Avaliador

Dedico este trabalho a Deus Criador de todas as coisas e Salvador de toda humanidade. Todo esse escrito é fruto de uma experiência pessoal com Ele, durante os poucos anos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me concedeu o dom da vida e sempre me conduziu com seu amor paciente e misericordioso. Aquele que me sustentou nos momentos mais difíceis da vida e da graduação, inclusive no período deste TCC, que pensava não conseguir terminar em tempo hábil.

Agradeço aos meus pais, que sempre me acompanharam e acreditaram em meu potencial. Eles que nos últimos meses escutaram tantas reclamações, referente a elaboração deste TCC.

Agradeço aos meus poucos amigos e amigas, que incentivaram todo o tempo e motivaram a elaboração deste trabalho final. Não citarei nomes, mas eles e elas sabem de sua importância em minha vida.

Agradeço aos colegas de Teologia pelo tempo de convivência e partilhas teológicas, pastorais e pessoais. Obrigado pelos momentos nos corredores, no caminho do metrô, em Tia Lu.

Em especial agradeço aos colegas: Irmã Isaura e Dom Vicente, dois religiosos que comigo viveram momentos importantes tanto acadêmicos como espirituais. Obrigado por sempre estarmos juntos nesse caminho.

Um agradecimento especial a Tia Lu. Obrigado pelos momentos em que nos encontrávamos nos intervalos das aulas em sua lanchonete, lugar de importante convivência acadêmica e teológica.

Agradeço aos professores, que nos ajudaram nessa caminhada. Todos com sua particularidade, mas com um objetivo comum: o nosso aprendizado, para que fossemos homens credíveis da experiência transcendental e pastoral.

Agradeço, particularmente, ao meu orientador, prof. dr. pe. Adilton Pinto Lopes. Seu zelo, empenho e amor pela Igreja de Nosso Senhor me levaram a sair das páginas escritas de um Trabalho de Conclusão de Curso para a prática da

evangelização, para que todos saibam, experimentem e vivam aquilo que nós experimentamos e vivemos de Jesus Cristo, de sua mãe Virgem Maria e sua Santa Igreja.

Agradeço, ainda, a Rosemary dos Santos Magalhães e Leandro Rodovalho Góes, funcionários da biblioteca de Federação e agora de Pituaçu. Muito agradecido por toda ajuda neste período de estudos e pesquisas.

Por fim, quero agradecer, ainda, ao Pe. Manoel de Oliveira Filho, homem de Deus. Obrigado por todo acolhimento, incentivo e convivência desde o 1º semestre desta graduação, quando nos conhecemos. Todo seu apoio foi muito importante para uma nova etapa de minha vida pessoal e o término desta graduação em Teologia.

“Senhor, a quem iremos? Só tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos e reconhecemos que és o Santo de Deus”

Evangelho segundo João 6,68

RESUMO

Este trabalho apresenta a importância do ser humano, criado por Deus à sua imagem e semelhança, a ponto de ser o destinatário do Evento Cristo, da Encarnação do Verbo. O encontro com Jesus, o Verbo feito homem, proporciona um novo rumo de vida, transformada pela experiência com Cristo, Deus-homem, homem-Deus, para aqueles que viviam/vivem à margem da sociedade. O mistério do ser humano é revelado pelo mistério de Cristo, que se fez homem para mostrar ao ser humano quem é o ser humano. O episódio da cura do cego de nascença resume todo esse caminho, pois tem sua vida recriada no encontro com Jesus, que revela sua dignidade humana, desconhecida por ele. Sua cura faz com que sua vida seja cheia de significados. Ressaltando, assim, a relevância do conhecimento e da experiência com Jesus para a vida humana. A metodologia da pesquisa é qualitativa e bibliográfica. Verifica-se que, a exemplo do cego de nascimento [e outros homens e mulheres] que encontrou Jesus e teve sua vida mudada, a melhor coisa que pode acontecer na vida de cada ser humano é a experiência com Jesus Cristo, o Homem Perfeito. Logo, conclui-se que Deus, que sempre tomou e toma iniciativa para alcançar o homem e a mulher, ama de modo incondicional cada homem e mulher criados por Ele e revela a este seu mistério divino, fazendo-o partícipe do mesmo.

Palavras-Chave: Encarnação. Recriação. Ser humano. Cego de nascença. Encontro.

ABSTRACT

This work presents the importance of the human being, created by God in his image and likeness, to the point of being the recipient of the Christ Event, the Incarnation of the Verb. The encounter with Jesus, the Verb made man, provides a new path of life, transformed by the experience with Christ, God-man/man-God, for those who lived/live on the margins of society. The mystery of man is revealed by the mystery of Christ, who became man to show human beings who human beings are. The episode of the healing of the man born blind sums up this entire path, as his life is recreated in the encounter with Jesus, who reveals his human dignity, unknown to him. His healing makes your life full of meaning. Thus, highlighting the relevance of knowledge and experience with Jesus for all human life. The methodology used is of qualitative and bibliographical. It appears that, like the man born blind [and other men and women] who met Jesus and had his life changed, the best thing that can happen in the life of every human being is the experience with Jesus Christ, the Perfect Man. Therefore, conclude that God, who has always taken and continues to take the initiative to reach men and women, unconditionally loves each man and Woman created by Him and reveals His divine mystery to them, making them part of it.

Keywords: Incarnation. Recreation. Human being. Blind from birth. Meeting.

SIGLAS

CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano e do Caribe
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento de Aparecida
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
PCB	Pontifícia Comissão Bíblica
RH	<i>Redemptor Hominis</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 11
CAPÍTULO 1 – O SER HUMANO: A MAIOR CRIAÇÃO DE DEUS	p. 13
1.1. A Criação, Obra da Santíssima Trindade	p. 14
1.2. O ser humano criado a imagem e semelhança de Deus	p. 15
1.3. A liberdade e o pecado	p. 16
<i>1.3.1. A liberdade humana como manifestação da liberdade de Deus</i>	p. 17
<i>1.3.2. O pecado original</i>	p. 17
1.4. Deus se dá a conhecer para resgatar seus filhos	p. 20
CAPÍTULO 2 – O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO: JESUS, O HOMEM PERFEITO	p. 22
2.1. O Docetismo: a heresia que negava a encarnação	p. 23
2.2. O Filho de Deus, nascido de mulher	p. 26
<i>2.2.1. Os títulos do Verbo Encarnado, Jesus Cristo</i>	p. 26
<i>2.2.2. A kenosis do Verbo</i>	p. 29
<i>2.2.3. A união hipostática: duas naturezas na pessoa do Verbo</i>	p. 30
<i>2.2.4. Heresias Cristológicas</i>	p. 30
<i>2.2.5. Concílios Cristológicos</i>	p. 32
2.3. Jesus, imagem e revelador do Pai	p. 35
2.4. Jesus, modelo de ser humano	p. 36
CAPÍTULO 3 – O ENCONTRO QUE RESSIGNIFICA A VIDA	p. 38
3.1. O Encontro com o cego de nascença, narrado pelo Evangelho segundo João	p. 38
<i>3.1.1. O sexto Sinal: a cura do cego de nascença</i>	p. 41
3.2. Recriação	p. 42
3.3. O ser humano como destinatário do Evento Cristo	p. 44
3.4. Os Meios que a Igreja oferece aos fiéis para renovar sempre o encontro com Jesus	p. 45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 48
REFERÊNCIAS	p. 50

INTRODUÇÃO

Na conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) é publicada a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, sobre a Igreja no Mundo de Hoje. No 1º Capítulo, logo trata-se da pessoa humana, iniciando com a seguinte citação: “Tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo: neste ponto existe um acordo quase geral entre crentes e não crentes. Mas, que é o homem?” (n.12). Assim, logo percebe-se a relevância do assunto.

O objetivo geral desse trabalho é apresentar quem é o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, como destinatário do Evento Cristo, o Verbo Encarnado, que ressignifica a existência humana. Tendo como objetivos específicos: apresentar o Encontro Pessoal com Jesus Cristo como fator original, que proporciona uma vida com novos sentido e horizontes; ressaltar a importância do Mistério de Cristo na vida do homem; apontar os meios que a Igreja Católica oferece aos fiéis para renovar sempre o Encontro com Jesus Cristo, o Filho de Deus. Tudo isso chegando a pericope da cura do cego de nascença (Jo 9,1-7), que ajuda a compreender estas realidades propostas.

A escolha e a reflexão acerca do tema, objeto desta pesquisa, é fruto de uma experiência pessoal e de uma necessidade manifestada pelos bispos do CELAM, presente no Documento de Aparecida; pelo papa Bento XVI, na Carta Encíclica *Deus Caritas Est*; bem como, pelos bispos do Brasil, no Documento n. 100 da CNBB, Comunidade de comunidades. Muitos vivem sem um sentido de vida, sem perspectivas. O Encontro com Jesus transforma essa realidade, fazendo que novos caminhos sejam vislumbrados e adquira uma vida cheia de significados. Desta forma, ao apresentar ao leitor esse trabalho, deseja-se que muitos sejam animados a levarem o Anúncio da Pessoa de Jesus Cristo a tantos que estão desanimados, desiludidos e perdidos, para que assim encontrem O Sentido de sua vida e sejam resgatados na sua dignidade de pessoa humana.

Quanto a metodologia é uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, pois utiliza como fundamentação teórica fontes primárias: a Sagrada Escritura, os documentos do Magistério da Igreja; e fontes secundárias: obras de teólogos e exegetas, bem como artigos científicos que abordam o tema, ajudando na reflexão teológica.

São 3 (três) as perguntas investigativas, que norteiam este Trabalho de Conclusão de Curso, a saber: *Quem é o homem, na perspectiva teológica?; Qual a*

importância do Mistério da Encarnação na vida do homem?; Qual a relação entre a períclope da cura do cego de nascença com a missão de Jesus com o ser humano?

Cada capítulo corresponde à um dos problemas de pesquisa, descritos acima. Logo, o Capítulo 1 mostra a importância do ser humano na criação de Deus. O ser humano sendo o centro da criação, possui uma dignidade singular e uma relação ímpar com seu Criador. Entretanto, o ser humano abusa de sua liberdade e se afasta de Deus. O “pecado original” retira a beleza originária e fere a bondade humana e inclina a humanidade ao mal, característica que não provém de seu Criador. A dignidade humana é ferida.

No Capítulo 2, apresenta-se a resposta de Deus, ao tomar a iniciativa e vim ao mundo pela Encarnação do Verbo. Na plenitude dos tempos, nasce de mulher para resgatar o gênero humano e mostrar quem é o ser humano ao próprio ser humano. Ele é o modelo de humanidade, a Imagem invisível de Deus, o Homem Perfeito.

Esse caminho é feito para chegar ao Capítulo 3, o qual apresenta a períclope da cura do cego de nascença. A dignidade humana, dada por Deus, precisa ser resgatada nesse homem cego. Cristo se apresenta como este que traz a salvação, que transforma sua realidade, resgata o sentido verdadeiro da vida humana. O cego de nascimento, vivia à margem da sociedade, sem perspectiva de vida, marginalizado, excluído, abandonado. Ele encontra Jesus que o cura devolvendo suas vistas. É o sexto sinal do evangelho segundo João, Jesus ressignifica a dignidade deste homem. Sua vida ganha um novo sentido, uma nova realidade, um horizonte futuro de vida.

Enfim, para que este encontro com Jesus aconteça no tempo hodierno, a Igreja oferece constantemente meios. Entre eles destacam-se: A Sagrada Escritura; a Sagrada Liturgia; os Sacramentos, sobretudo a Eucaristia e a Reconciliação; a oração pessoal e comunitária, a caridade e as manifestações de piedade popular.

CAPÍTULO 1 – O SER HUMANO: A MAIOR CRIAÇÃO DE DEUS

O Pentateuco é composto pelos 5 (cinco) primeiros livros das Sagradas Escrituras, a saber: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Estes livros sofreram influências, ao longo de sua escrita, de 4 (quatro) Documentos ou Tradições (tradição será o termo usado neste trabalho). São elas: Tradição Javista, Tradição Eloísta, Tradição Deuteronomista e Tradição Sacerdotal.

A tradição javista é representada pela letra J. Esta tradição tem influência em alguns ideais da corte de Jerusalém (BRIEND, 1985, p. 8). Está presente nos livros de Gênesis, Êxodo e Números e tem como características principais o uso de *Javé* para designar-se a Deus e uma escrita que atribui uma forma humana ao divino. Apresenta um Deus próximo que age constantemente na vida de seu povo: que anda com Adão, que se irrita, se arrepende e que relembra a história de vida dos patriarcas (FONSATTI, 2002, p. 16).

A tradição eloísta, representada pela letra E, chama Deus pelo nome de *Elohim*. É composta no reino do norte e reflete suas preocupações (BRIEND, 1985, p. 8). Segundo Fonsatti (2002), esta tradição dar forma de homem a Deus (que para falar com os homens faz uso de sonhos e/ou mensageiros), ressalta a importância da Lei, dando enfoque a idolatria, que considera o maior pecado contra Deus.

Já a tradição deuteronomista, designada com a letra D, teve sua redação definitiva durante o exílio da Babilônia (587-538). Seus aspectos se aproximam a tradição eloísta e se refere a Moisés e a Lei (BRIEND, 1985, p. 8). Encontra-se sua influência apenas no Livro do Deuteronômio, o qual possui um foco no culto em Jerusalém e sua centralidade na eleição divina: ao escolher Israel por seu povo, Deus manifesta seu amor insondável (FONSATTI, 2002, p. 17).

Por fim, a tradição sacerdotal, designada com a letra P, tem como característica marcante os aspectos sacerdotais, originada no exílio com esperança na terra prometida (BRIEND, 1985, p. 8). Esta tradição se encontra em todos os livros do pentateuco, sobretudo no Livro do Levítico. Esta tradição valoriza muito o sábado, a circuncisão, os rituais, os sacrifícios, bem como datas e genealogias. Deus é bastante transcendental, se manifesta apenas nas grandes teofanias. Ao contrário da javista, não tem contato direto com os homens, logo um Deus distante (FONSATTI, 2002, p. 17).

Assim, nos primeiros capítulos do Livro do Gênesis, ou melhor, do capítulo 1º ao 11º, as tradições javista e sacerdotal se entrelaçam. A exemplo disso destaca-se o relato da Criação: no capítulo 1º como fruto da Tradição Sacerdotal, Deus diz e tudo se faz; já o capítulo 2º tem influência da Tradição Javista, onde Deus modela o ser humano com suas próprias mãos e sopra suas narinas.

1.1. A Criação, Obra da Santíssima Trindade

Como dito acima, o capítulo 1 de Gênesis se encontra a narrativa da criação, de tradição sacerdotal. Estas Sagradas Letras mostram Deus como criador de todas as coisas e seres que há no céu e na terra. A cada coisa e/ou ser criado, Ele contempla-o e diz “que isso era bom”¹. Deus contempla a beleza de sua obra, obra perfeita, Obra da Santíssima Trindade, como ensina o Catecismo da Igreja Católica (CIC): “Deus fez todas as coisas por Si mesmo, quer dizer, pelo Seu Verbo e pela sua Sabedoria”².

O Verbo, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, existia desde o princípio dos tempos e tudo foi feito por meio d’Ele ³. O Espírito Santo, Terceira Pessoa da Trindade, também está presente na criação sobre as águas⁴. Ladaria (2016) reafirma a criação como obra da Trindade, pois o Pai que tomou a iniciativa, o Filho se torna mediador de todas as coisas e o Espírito Santo é a força aperfeiçoadora.

A ação da Santíssima Trindade é chancelada no Concílio de Nicéia e nos Concílios de Constantinopla, declarando ser o Pai criador de tudo, o Filho mediador e tudo existe pelo Espírito⁵ (LADARIA, 2016, p. 46-47).

Assim, pode-se dizer que o ser humano é criação e imagem da Trindade, uma vez que Deus é Uno numa única natureza ⁶.

¹ Gn 1,3.10.12.18.21.25. Deus expressava sempre satisfação à sua criação (DAp, n. 27)

² CIC, n. 292

³ Jo 1,1-3

⁴ Gn 1,2

⁵ DENZINGER, n. 421

⁶ Tomás de Aquino: AQUINO, 2002, p. 628 *apud* BATISTELLA; EDGAR, 2011

1.2. O ser humano criado a imagem e semelhança de Deus

Ainda no capítulo 1º de Gênesis, últimos versículos (26-31), a tradição sacerdotal expõe a criação do ser humano e seu papel diante as outras coisas e seres criados:

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; [...] Deus disse “Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão sementes: isso será vosso alimento. A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra e que é animado de vida, eu dou como alimento toda a verdura das plantas” e assim se fez. Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia.⁷

Da mesma forma, também é expresso no capítulo 2º, onde o relato é de visão Javista. O homem e a mulher são os primeiros seres criados, no modelar (*yāsar*) de Deus sobre o barro e seu sopro, dando origem e vida a humanidade⁸. Não são relatos contraditórios, pelo contrário, são complementares, pondo em relevo a importância do ser humano em meio ao mundo criado.

Para Ladaria (2016, p. 37) o ser humano criado é uma criatura entre outras criaturas com uma clara centralidade, pois este é chamado a ser superior e dominar tudo, dando, inclusive, nome a todas as coisas⁹. Um caráter singular em relação a todas as coisas criadas, cooperador da obra de Deus, capaz de conhecer e amar seu Criador¹⁰.

Rubio (1989, p. 132) reconhece que o ser humano é criatura como qualquer outra querida por Deus, conforme o relato sacerdotal (Gn 1, 26ss). Mas afirma haver uma forte distinção entre todas as coisas criadas e o ser humano. Este último foi feito à imagem e semelhança do Deus Criador, com o qual mantém uma relação singular. É uma criatura especial.

De fato, ao afirmar que o homem e a mulher são imagem de Deus e como sua semelhança, o autor sagrado reconhece uma especial natureza e uma extraordinária

⁷ Bíblia de Jerusalém

⁸ Gn 2,7

⁹ Gn 2,19

¹⁰ GS (*Gaudium et Spes*), n. 12

dignidade da pessoa humana, única criatura dotada de razão e inteligência (PCB, 2022, p. 48). Tudo que existe na terra fora ordenado a seu favor, a criação mais preciosa aos olhos de Deus, como afirma São João Crisóstomo¹¹.

1.3. A liberdade e o pecado

A liberdade é um sinal privilegiado da imagem divina na humanidade ¹². Porém os primeiros humanos criados abusam de sua liberdade e agem contra seu Criador, inclinando ao mal. Com o pecado o homem e a mulher ficam impedidos de viverem sua felicidade plena. Para Moser (1996, p. 63), a consequência da inclinação ao mal é o volta-se a si mesmo e deixar de amar seu Criador e amar-se mutuamente. A Constituição *Gaudium et Spes*, descreve muito bem essa realidade:

Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir de seu Criador, que é bom. Muitas vezes, recusando reconhecer Deus como seu princípio, perturba também a devida orientação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua ordenação para si mesmo, para os demais homens e todas as coisas criadas.¹³

Assim, a consequência do pecado, que configura uma desobediência a Deus Criador, é a perda do estado de graça da santidade original, a harmonia da criação está destruída¹⁴.

Para Moser (1996, p. 56) o pecado não pode proceder de Deus. “O pecado remete para a responsabilidade humana. [...] em consequência daquilo que se pode denominar de catástrofe espiritual, instauraram-se a desarmonia e a desunião em todos os sentidos”. Já para Rubio (2004, p. 278) o pecado é uma desumanização do ser humano, uma rejeição da vida e do amor, dons que o humanizaria. Ou ainda uma rejeição de ser imagem e semelhança de Deus (*ibid.*, p. 280).

¹¹ Idem

¹² Idem, n. 17

¹³ n. 13

¹⁴ CIC 398-400

1.3.1. A liberdade humana como manifestação da liberdade de Deus

A liberdade humana é reflexo da liberdade de Deus. Ao mesmo tempo, é uma resposta à esta liberdade divina. A liberdade humana juntamente com a liberdade divina, ou vice-versa, se transforma numa criação “muito boa”. Na verdade, a criação é uma obra e/ou uma história de liberdade, pois surge de uma total doação do Criador à sua obra. Por isso, a liberdade humana é a maior manifestação do amor onipotente de Deus, donde o ser humano encontra sua salvação e plenitude (LADARIA, 2016, p. 43).

Mas o ser humano não é divino, é terrestre e frágil. Limitado, deve aceitar a realidade de que não é Deus. Deve trabalhar e relacionar-se com toda a criação, como outros humanos e com o próprio Deus. Reconhecer isto levar-se-á sempre a vida, a rejeição à destruição, ao pecado.

O Papa Pio XII, na Encíclica *Humani Generis*, de 1950, falando de falsos ensinamentos que ameaçam a doutrina católica, afirmou que a humanidade tem dificuldade de assumir certas verdades por causa de suas más inclinações, frutos do “pecado original”, tema que tratar-se-á no próximo item.

1.3.2. O pecado original

À primeira vista podemos conceituar o “pecado original” como o primeiro pecado cometido pela humanidade no início da história. Porém numa análise mais teológica, o “pecado original” é o pecado dos primeiros seres humanos que traz uma consequência negativa a toda raça humana, referente a ruptura da graça original conferida a humanidade ao ser criada. Desta forma, o “pecado original” é um rompimento da aliança, da comunhão com Deus (LADARIA, 2016, p.85).

Assim, chamamos de “pecado original originante” é de fato o pecado cometido no início da história humana, que deu origem ao mal em que a humanidade é inclinada e experimenta. Já o “pecado original originado” são as consequências negativas herdadas pelo ser humano, seu afastamento do Criador, que tem sua causa e fundamento o “pecado original originante”. Para essa área teológica o que se interessa é o “pecado original originado”, o que comumente é chamado apenas de “pecado original” (LADARIA, 2019, p. 92).

Para Moser (1996, p. 57) “o pecado original diz respeito à condição pecadora na qual todo ser humano nasce”. Como afirma o Catecismo da Igreja Católica: “Nós herdamos, por via de geração, a culpabilidade contraída pelo primeiro homem. Ora, o que houve no início da história humana foi um pecado pessoal. O que é transmitido, por propagação, é um estado de decadência”.¹⁵

O pecado da humanidade é a auto-suficiência, a ponto de gerar novos pecados, que cada ser humano se torna responsável de suas consequências. A força do pecado cometido pelo primeiro humano está em todos os seres humanos (LADARIA, 2016, p. 87).

Pode-se chegar num entendimento do pecado original à luz do Novo Testamento. São Paulo, então, escreve aos Romanos:

Pois bem, por um homem penetrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte, e assim a morte se estendeu a toda a humanidade, já que todos pecaram. Pois, se pelo delito de um morreram todos, muitos mais abundantemente serão oferecidos a todos o favor de Deus e o dom de Deus, por um só homem, Jesus Cristo. Como pela desobediência de um todos se tornaram pecadores, assim pela obediência de um todos se tornarão justos.¹⁶

Por um homem entrou no mundo o poder do pecado, gerando a morte. A morte, consequência deste pecado, passou a toda humanidade. O pecado arrastou todo homem e toda mulher, e estes cometem novos pecados, os pecados pessoais. Logo, pela desobediência de Adão, toda raça humana é chamada de pecadora. A novidade neotestamentária é que, também por um homem, toda geração humana será justificada. A obediência de Cristo refaz a salvação, a justificação, a graça (LADARIA, 2016, p. 88).

Para Agostinho¹⁷, o pecado original é transmitido de geração a geração. Em seu entendimento todo ser humano só é capaz de alcançar a salvação através da pessoa de Jesus Cristo. Por isso, combateu contra o pelagianismo, heresia que via em Adão apenas um mau exemplo, negando suas implicações na vida humana e a transmissão entre as gerações (MOSER, 1996, p. 59-60).

O Concílio de Trento (1546), de contrarreforma, influenciada pelos Concílios de Cartago (411 e 418) e de Orange (529), publica o Decreto “*De peccato originali*”, confirmando a doutrina do pecado original. Pois a reforma protestante pregava que o

¹⁵ CIC n. 404

¹⁶ Rm 5,12.15b.19

¹⁷ Teólogo pioneiro e mais importante no desenvolvimento da doutrina sistemática do ‘pecado original’

homem era pervertido, inclinado à concupiscência com sua liberdade extraída pelo pecado original, herança de todos os homens, e tudo isso era invencível, nem mesmo o sacramento do Batismo poderia apagar (CIC, n. 406).

Alguns recortes do Decreto *De peccato originali* (1546):

[...] o primeiro homem Adão, depois de transgredir o preceito de Deus no paraíso, perdeu imediatamente a santidade e a justiça em que havia sido constituído [...]

[...] Se alguém afirmar que a prevaricação de Adão prejudicou a ele só e não à sua descendência; e que a santidade e justiça recebidas de Deus, e por ele perdidas, as perdeu só para si e não também para nós; ou que, manchado ele pelo pecado de desobediência, transmitiu a todo o gênero humano somente a morte e as penas do corpo, não porém o mesmo pecado, que é a morte da alma – seja excomungado [...]

[...] Se alguém negar que pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, conferida no Batismo, é perdoado o reato do pecado original [...] seja excomungado.

Afirmando que em Adão está todo o gênero humano, *sicut unum corpus unius hominis*¹⁸, o Catecismo da Igreja Católica¹⁹ resume a doutrina do pecado original. Todos estão implicados no pecado do primeiro homem, assim como estão na justificação de Cristo. A transmissão do pecado original é mistério divino, bem como sua transmissão é propagado a toda a humanidade. Por isso o ser humano está privado da santidade e justiça originais. Logo, o pecado original é um pecado contraído, é um estado.

O pecado, oriundo de Adão, está presente em todos. É condição prévia das atitudes e opções pessoais humanas. Mas, Cristo prevalece, com sua graça e justificação, pois “onde proliferou o delito [o pecado], a graça transbordou”²⁰. A fé em Cristo liberta o homem e a mulher do poder do pecado (LADARIA, 2016, p.88).

Pode-se concluir que o pecado original é contrário à Boa Nova de Jesus Cristo, Salvador dos homens. Para falar sobre pecado original é primordial o conhecimento e a experiência com o mistério de Cristo²¹. Assim, conclui-se que a obra da Criação é intrínseca à obra da Redenção, e vice-versa. A criação está presente explicitamente na Salvação.

¹⁸ “Como um só corpo de um só homem”

¹⁹ n. 404-406

²⁰ Rm 5,20 – Bíblia do Peregrino

²¹ CIC 389

1.4. Deus se dá a conhecer para resgatar seus filhos

Após o pecado, Deus vai ao encontro do homem e da mulher. Ele que toma a iniciativa. Mesmo estes se escondendo, o Criador se faz perto e os escuta. Por consequência do pecado, Deus pune os seres humanos e os expulsa do Jardim do Éden²². A partir de então, Deus sempre intervém a favor da humanidade. Seu modo de intervir não apresenta apenas normas penais, mas respeitando a liberdade humana, busca sempre o melhor para a humanidade (PCB, 2022, p. 277).

O pecado não interrompe a Revelação de Deus, pois do pecado, Deus se mantém perto e cuidadoso com o gênero humano. Com a promessa de redenção, oferece esperança da salvação a toda humanidade (CIC, n. 55).

Assim, fez uma aliança com Noé, chama Abraão e promete prosperidade, forma e admoesta seu povo através dos patriarcas, juízes e profetas. A missão dada aos profetas é sempre chamar à conversão, retornar a Deus e a praticar o bem (PCB, 2022, p. 277).

“Pelos profetas, Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa duma aliança nova e eterna [...] Os profetas anunciam uma redenção radical do povo de Deus, a purificação de todas as suas infidelidades [...]” (CIC, n. 64).

Todo ato divino na história da humanidade é constantemente dirigido para o bem deles. Deus não quer a morte do pecador, mas que ele viva ²³, por isso oferece aos primeiros pais roupas para cobrir sua nudez (PCB, 2022, p. 267-268).

Resumidamente, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* apresenta:

Eterno Pai, pelo libérrimo e insondável desígnio da Sua sabedoria e bondade, criou o universo, decidiu elevar os homens à participação da vida divina e não os abandonou, uma vez caídos em Adão, antes, em atenção a Cristo Redentor “que é a imagem de Deus invisível, primogênito de toda a criação” (Col. 1,15), sempre lhes concedeu os auxílios para se salvarem²⁴.

Desta forma, o Mistério da Criação está intrinsecamente ligado ao Mistério da Redenção, criação do homem e salvação do homem não se separam. A Criação é o primeiro ato Salvífico do amor de Deus. O mesmo Deus Salvador é aquele que é o Deus Criador (RUBIO, 1989, p.117.124).

²² Gn 3

²³ Ez 18,23.32; 33,11

²⁴ n. 2

Enfim, na plenitude dos tempos, Deus envia seu próprio Filho, a Palavra Definitiva, o cume da Revelação, como firma o autor da Carta aos Hebreus: “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas, agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos”²⁵.

Ele é a Nova e Eterna Aliança. Depois d’Ele não há mais nada a ser revelado, até a sua gloriosa vinda, a manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo²⁶. O Verbo Encarnado, Jesus, é o Homem Perfeito.

²⁵ Hb 1,1-2

²⁶ CIC 66

CAPÍTULO 2 – O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO: JESUS, O HOMEM PERFEITO

O primeiro capítulo do Evangelho de João, conhecido como Prólogo, o evangelista apresenta o Mistério do *Verbum* (*dabar*, palavra, *logos*):

“No princípio já era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer”²⁷.

Este é o Mistério da Encarnação, que constitui um dado essencial da fé cristã, que possui o seu cume da Economia da Salvação, no Mistério Pascal: Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Esta verdade se expressa também na Liturgia Cristã, o Verbo se encarnou e nasceu em Belém, Jesus, homem-Deus para dar a sua vida pela humanidade, para redimi-la na Cruz e com sua Ressurreição conduzir a humanidade aos umbrais do céu. Armando “sua tenda” entre os homens, assume a integralidade da humanidade, inclusive em sua transitoriedade, temporalidade e pobreza, afirma o Papa Bento XVI²⁸.

Logo, a encarnação é ação de Deus que vem ao encontro do ser humano. Deus se fez humano *propter nos homines et propter mostram salutem*²⁹. O Verbo quis participar da vida social dos homens para o redimi (CORBELLINI, 2020).

Como a criação, e toda história da salvação, o protagonista deste grande acontecimento da encarnação do Verbo é a Trindade Santa ³⁰, como afirmou o IV Concílio de Latrão, em 1215. Sendo assim, somente a 2ª (segunda) Pessoa da Trindade poderia encarnar-se, pois este é a imagem ‘incriada’ do Pai, para redimir e recriar a humanidade, criado à imagem de Deus (FACULDADE DEHONIANA, 2019).

A encarnação, dentro da lógica da economia da salvação, se parece com uma nova criação. Unindo-se a cada homem e mulher, o Verbo eleva a condição humana

²⁷ Jo 1, 1-2.14^a.18

²⁸ Catequese de 09 de janeiro de 2013

²⁹ Por causa de nós e por causa da nossa salvação

³⁰ Costa (2020, p. 251), afirma que “a encarnação é a revelação do desígnio trinitário de amor e a realização efetiva desse projeto que estava no coração de Deus e que se foi manifestado pelas sucessivas alianças na história da salvação”.

à dignidade, de tal forma que fez tudo que o homem faz e da forma humana ³¹, exceto o pecado (COSTA, 2020, p. 266).

2.1 O Docetismo: a heresia que negava a encarnação

A heresia docetista surge no final do século I, principalmente em comunidades da Ásia Menor sob influências do gnosticismo, doutrina que desprezava a matéria (PIACENTE, 2016, p. 115). O gnosticismo buscava e ensinava meios de como a alma poderia se libertar do corpo e do mundo material, que a apreendia. Nesta dualidade que se estabelecia, não poderia admitir que o *Logos* uniu-se ao corpo humano, negando, assim, o Mistério da Encarnação. Acreditava-se que o *Logos* esteve presente no homem Jesus apenas no momento de seu batismo até momentos antes da paixão, abandonando-o (FRANGIOTTI, 1995, p. 35).

Desta forma, o docetismo afirmava que Cristo não existia, não possuía um corpo, pois como um Deus, Espírito perfeitíssimo, poderia assumir a matéria, se tornando humano? A matéria é má e desnecessária para a salvação, se opõem ao Espírito. E se o espírito procura formas de libertar-se da carne, por que Deus se faria carne? (FRANGIOTTI, 1995, p. 27).

Para os docetistas era impossível e inaceitável, ou até loucura, a união hipostática, pois separava a divindade da humanidade. O fato de Deus ter sido feito homem, semelhantes a todo homem, e sofrido a paixão até a morte de cruz era uma ideia absurda (PIACENTE, 2016, p. 35-44).

O nome docetismo tem origem do grego *dokein* – parecer e *dokesis* – aparência. Pois acreditavam que Jesus era Deus, um “homem celeste”, porém sua humanidade não. Seu corpo era “aparente”, Jesus era um “fantasma” (FRANGIOTTI, 1995, p. 28).

Muitos combateram esta heresia. Para começar, Frangiotti (1995, p. 29-30) apresenta alguns textos escritos pelo evangelista João, que contradiz esse pensamento herético. O Evangelista João, em sua Primeira Carta, inicia afirmando a

³¹ “trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano” (GS, n. 22).

encarnação do Verbo, que existia desde o princípio e na forma humana concreta foi visto, tocado e escutado³². Em seguida no capítulo 4 confirma a encarnação de Jesus e chama de Anticristo aqueles que não creem que Cristo veio na carne³³, reafirmando em 2Jo 7.

O primeiro a se levantar contra esta heresia foi Inácio de Antioquia. Em muitas de suas cartas defendeu a encarnação do Verbo, a presença de Cristo no mundo na carne, concebido pelo seio da Virgem Maria. Escreveu, inclusive cartas dirigidas às comunidades da Ásia Menor, como Éfeso e Trálios, bem como a Esmirna. Muitos conteúdos dessas cartas faziam referência ao docetismo. Na Epístola aos Éfesios, Inácio chama os hereges de animais selvagens, os quais a comunidade deve evitar e defendeu o nascimento imaculado do seio de Maria por obra do Espírito Santo (FRANGIOTTI, 1995, p. 30).

Aos esmirnistas, Inácio escreve que o Senhor, de fato e não de forma aparente, padeceu e ressuscitou no terceiro dia para oferecer a salvação ao gênero humano. Após a ressurreição apareceu aos discípulos, permitindo ser tocado e comendo com eles. Ele mesmo afirmou não ser um fantasma, mas um ressuscitado com sua carne (LIMA, 2002).

Já aos tralianos, Inácio alerta-os contra a heresia docetista. Exorta-os a não escutar àqueles que pregarem coisas contrárias a respeito de Jesus, pois Ele nasceu da Virgem Maria, pertence a descendente de Davi, foi perseguido sob Pilatos, crucificado, morto, ressuscitado e subiu aos céus. Para Inácio seria em vão sua prisão e sua luta contra as feras, que estava prestes a acontecer, que levou a sua morte, se Cristo não fosse real e apenas aparente (LIMA, 2002).

Irineu de Lião também combateu o docetismo. Afirmou que o acontecimento da encarnação recapitula toda história da Salvação, recapitula toda a humanidade, fazendo recuperar a imagem e semelhança de Deus, perdida por causa do pecado dos primeiros pais. (LIÃO, 1995, p. 328-329). Por amor a humanidade, o verbo feito homem suporta o sofrimento em sua carne (*ibid.*, p. 334). Era necessário que o Redentor se tornasse homem, a união hipostática é uma realidade na pessoa do Verbo Eterno.

³² 1 Jo 1,1

³³ 1 Jo 4,1-3

Para Lião, citado por Corbellini (2014), a morte foi vencida porque Deus utilizou de corpo idêntico do primeiro homem, Adão, experimentando todas as coisas humanas, exceto o pecado. Assim venceu aquele que feriu a humanidade com sua própria carne. Assim escreve:

Sendo enviado pelo Pai, o Verbo criador veio para nos salvar estando nos mesmos lugares, nos mesmos ambientes onde o ser humano perdeu a vida, rompeu desta forma as cadeias que nos mantinham prisioneiros. Com o aparecimento de sua luz, santificou o nosso nascimento, destruiu a morte e desligou os laços que nos tinham prendido (2Tm 1,10). Pela sua ressurreição, tornou-se ele mesmo o primogênito dos mortos (Ap 1,5; Cl 1,18) e levantou na sua pessoa o ser humano caído por terra, ao ser elevado às alturas do céu até a direita da glória do Pai.³⁴

Irineu de Lião (1995, p. 337) acredita veemente na pessoa do Verbo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, quando diz: “É o Filho de Deus nosso Senhor, Verbo do Pai e ao mesmo tempo Filho do homem, que de Maria, nascida de criaturas humanas e ela própria criatura humana, teve nascimento humano, tornando-se Filho do homem”. Aqui se comprova que Jesus é verdadeiro homem, como também o é Adão, formado da terra.

A heresia docetista é condenada pelos primeiros concílios ecumênicos, a saber: Concílio Ecumênico de Nicéia e o Segundo Concílio Ecumênico de Constantinopla. Como fruto desses concílios e contra o docetismo é elaborado uma profissão de fé, denominada de Símbolo Niceno-Constantinopolitano, utilizado até hoje nas liturgias solenes. Segue recorte que afirma a fé em Jesus Cristo Encarnado:

E [creio} em um só Senhor Jesus Cristo, unigênito Filho de Deus e nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai; por meio do qual tudo foi feito; o qual, em prol de nós, homens, e de nossa salvação, desceu dos céus, e se encarnou, do Espírito Santo, do seio de Maria Virgem, e se fez homem; que também foi crucificado por nós, sob Poncio Pilatos, padeceu e foi sepultado, e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras³⁵.

É verdade que o docetismo está ainda presente nos dias hodiernos, quando se valoriza mais o desejo da salvação sem “os pés no chão”, esquecendo que a salvação se manifesta também no corpo, como acredita Frangiotti (1995, p. 31). São como espiritualidades desencarnadas, que desprezam os aspectos da corporeidade.

³⁴ LIÃO, Irineu de. Demonstração da Pregação Apostólica. São Paulo: Paulinas, 2014.

³⁵ DENZINGER, n. 65

2.2. O Filho de Deus, nascido de mulher

Na plenitude dos tempos, o Verbo que estava junto a Deus encarnou e habitou em meios aos homens³⁶. Aquele que existia desde a eternidade, nasce de mulher, compõe a família humana, caminhando com homens e mulheres, mostra a face misericordiosa de Deus, possuindo um verdadeiro corpo e uma verdadeira alma humanos (COSTA, 2020, p. 276).

O Verbo escreve sua história na história da humanidade, construindo uma nova e perfeita comunhão entre Deus e a humanidade (PCB, 2022, p. 59).

Ele é a Salvação do gênero humano, por isso diviniza o ser humano com sua humanidade, fazendo participante de sua natureza divina (COSTA, 2020, p. 142.152). Nesta mesma linha, afirma o Documento de Aparecida (n. 355): “Jesus Cristo é a plenitude que eleva a condição humana à condição divina para sua glória”.

Para que o Verbo se fez carne? O Catecismo da Igreja Católica³⁷ enumera algumas finalidades da encarnação: O Verbo se fez carne para salvar e reconciliar a humanidade com Deus, para que os homens e mulheres conhecessem o amor de Deus, para ser modelo de santidade, para que a humanidade seja participante da natureza divina.

2.2.1. Os Títulos do Verbo Encarnado, Jesus Cristo

Concebido por Obra do Espírito Santo, Jesus é Aquele que vem salvar os que estavam prisioneiros no pecado. Seu nome é *Yeshuá*, Deus salva. Seu nome expressa sua identidade e sua missão³⁸. Ele é o Ungido, Cristo, o Messias esperado.

No Evangelho de Mateus³⁹, Jesus pergunta a seus discípulos, o que as pessoas pensaram quem ele era. Os discípulos respondem que Ele era visto como profeta, Elias, Jeremias ou João Batista. Muitos títulos Ihe são atribuídos e outros, ainda, Ele próprio se autodefine.

Jesus é o Novo Adão, aquele que traz a esperança da vida. Enquanto o primeiro Adão pecou e dar como herança a morte, o Novo Adão oferece a Salvação Eterna, a Comunhão com Deus (COSTA, 2020, p. 229). Assim, a obediência do Novo

³⁶ Gl 4,4

³⁷ CIC, n. 457-460

³⁸ Idem, n. 430

³⁹ Mt 8,27

Adão repara de forma superabundante a desobediência cometida pelo primeiro Adão, por isso se diz que o Segundo (Novo) Adão inaugura uma nova criação, uma nova vida ⁴⁰, pois o primeiro homem é da terra e o segundo veio do céu ⁴¹.

Ele é o Cristo. Palavra derivada de Messias, que significa ungido. Título que logo desaparece e incorpora ao seu nome: Jesus Cristo. Acreditava-se que o rei era um chamado e enviado por Deus, por isso era ungido para exercer sua missão. Por esse motivo, e por pertencer a linhagem davídica, Jesus é reconhecido como “Filho de Davi”. Ele é aclamado como rei na sua entrada triunfal em Jerusalém⁴² e o letrado na cruz, escrito “Jesus Nazareu, o rei dos Judeus” ⁴³ (RATZINGER, 2007; 2015).

Outro título é Filho do Homem. O próprio Jesus usou muitas vezes para si mesmo. Apenas do Evangelho de Marcos aparece 14 vezes. Significa simplesmente homem. Do hebraico *bem adam* e do aramaico *bar nascha*⁴⁴. Esta expressão aparece no livro do profeta Daniel⁴⁵, quando ele tem a visão de um Filho do Homem sobre as nuvens. A Ele é dado poder, dignidade e realeza. Todos os povos se voltam para servir a Ele e seu Reino Eterno (RATZINGER, 2007, p. 277).

No Evangelho de Mateus, a expressão “Filho do Homem” aparece 10 vezes⁴⁶. O Senhor Jesus mesmo que se apresenta como tal em suas pregações. Importante essa informação, pois a figura que representa este evangelho é o rosto do homem, que aparece no Livro do Apocalipse⁴⁷, um dos 4 seres vivos. Mateus tem como símbolo o rosto humano, porque seu escrito traz a genealogia de Jesus homem, lembrando-se do Mistério da Encarnação (CORREIA, 2014).

Ainda sobre o título de Filho do Homem, Jesus, usa-o em pregações escatológicas. Por exemplo: “Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, o Filho do Homem também se declarará por ele diante dos anjos de Deus”⁴⁸; “Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória”⁴⁹.

⁴⁰ CIC, n. 504

⁴¹ 1Cor 15,47

⁴² Lc 19,28-38

⁴³ Jo 19,19

⁴⁴ COSTA, 2020, p. 240

⁴⁵ Dn 7, 4-13

⁴⁶ Mt 8,20; 9,6; 11,19; 12,8; 13,37; 16,27; 19,28; 24,30; 25,31; 26,24

⁴⁷ Ap 4,7

⁴⁸ Lc 12,8

⁴⁹ Mt 25,31

O Filho do Homem é o Filho de Deus, é igual a Deus. Para a Pontifícia Comissão Bíblica (2022, p. 43), o título Filho do Homem conserva a ideia de que Cristo pertence a espécie humana e compartilha com todos homens e mulheres a condição frágil e mortal.

Outro título de Jesus é Senhor (*Kyrios*), nome designado apenas a Deus. O Novo Testamento utiliza dessa mesma expressão para chamar Jesus, reconhecendo-o como próprio Deus. De fato, seus gestos e atitudes demonstramos sua natureza divina, por isso muitos relatos neotestamentários chamam Jesus de Senhor (CIC, n. 446-448).

Filho de Deus é o título proclamado por Pedro ao ser indagado por Jesus. Este título no Antigo Testamento era usado para falar dos anjos, do povo eleito, Israel, e dos reis, pois significava uma filiação adotiva, dotada de intimidade com Deus. O rei era chamado de ‘Filho de Deus’ e era gerado por Deus no ritual de sua entronização no trono. É dessa realidade que o salmista canta: “Tu és meu filho, eu hoje te gerei”⁵⁰ (RATZINGER, 2007, p. 284).

Dois momentos da vida pública de Jesus, o Pai o chama de filho: no batismo e na transfiguração⁵¹. Na sua morte na cruz, o centurião, exclama: “Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus”⁵².

Jesus muitas vezes se autodefine como Eu Sou. Eu Sou é o nome revelado por Deus a Moisés no episódio da sarça ardente⁵³. Em Jesus, a sarça ardente se atualiza na cruz, ali Ele se revela como verdadeiro “Eu Sou”, como está escrito no Evangelho de João: “Quando tiverdes elevado o ‘Filho do Homem’, então conhecereis quem Eu sou”⁵⁴ (Jo 8,28). Quando Jesus se apresenta como “Eu sou”, revela o mistério da consubstancialidade com o Pai (RATZINGER, 2007, p. 293-294).

Jesus expressa por algumas imagens sua identificação como Eu Sou. Na Cristologia Joanina são 7 essas imagens, a saber: Eu sou o pão da vida⁵⁵, Eu sou a luz do mundo⁵⁶, Eu sou a porta⁵⁷, Eu sou o bom pastor⁵⁸, Eu sou a ressurreição e a

⁵⁰ Sl 2

⁵¹ Mt 3,17; 17,5; Mc 9,7; Lc 3,22; 9,35

⁵² Lc 23,47

⁵³ Ex 3,14ss

⁵⁴ Jo 8,28

⁵⁵ Jo 6,35

⁵⁶ Jo 8,12

⁵⁷ Jo 10,9

⁵⁸ Jo 10,11

vida⁵⁹, Eu sou o caminho, a verdade e a vida⁶⁰, Eu sou a videira verdadeira⁶¹. Ratzinger (2007, p. 297), citando Shnackenburg, afirma que todas estas imagens referem-se ao único tema: Jesus que veio da a vida a toda humanidade e esta em abundância ⁶².

2.2.2. A Kenosis do Verbo

“Sendo de condição divina, não se apegou ciosamente o ser igual a Deus Pai, mas esvaziou-se a si mesmo, e assumindo a condição de servo, tomando a semelhança humana. E humilhou-se e foi obediente até a morte de cruz”⁶³. Neste é um Hino Cristológico, onde encontra-se a *kenosis* do Verbo, ou seja, seu rebaixamento, o que prova, mais uma vez, que Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.

A palavra *kenosis* tem origem na língua grega, significa esvaziar, reduzir a nada, estado de humilhação. Teologicamente, refere-se ao aniquilar-se, humilhar-me de Deus ao assumir, pelo Verbo, a condição humana (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 113).

Para Santos e Xavier (2008, p. 114), a *kenosis* é concreta, faz parte da história. Deus se faz pequeno, como aquele que serve e sofre. Desfaz a lógica da prepotência humana. O auto esvaziamento do Verbo não se trata de uma negação da sua divindade, não perde sua identidade de Deus para alcançar a humanidade. Na mesma linha, afirma Ribaric (2011, p. 112) que Deus não abandona sua essência, tampouco a transforma. O rebaixamento da 2ª pessoa da Trindade é tornar-se uno com as dores e limitações dos homens e das mulheres, no tempo da história. Por isso a *kenosis* de Deus tem como finalidade a plenitude da vida humana.

Enfim, ao assumir a condição humana, Cristo redime a humanidade. Pois Deus só não redimiu/salvou o que não assumiu, diz Gregório Nazianzeno (FERRARO, 2021, p. 74).

⁵⁹ Jo 11,25

⁶⁰ Jo 14,6

⁶¹ Jo 15,1

⁶² Jo 10,10

⁶³ Fl 2,5-8

2.2.3 A União Hipostática: duas naturezas na pessoa do Verbo

A palavra hipóstase de origem grega, *hypóstasis*, significa ‘substância’. Logo, o termo ‘união hipostática’ na Cristologia, se refere as naturezas humana e divina de Cristo, que não são distintas. As naturezas humana e divina, bem como as vontades humana e divina de Jesus são movidas pela única pessoa do Verbo, como ensina o Concílio de Éfeso (COSTA, 2020, p. 299-300):

Verbo hipostasiado uniu a si uma carne animada de alma racional e que, portanto, se fez homem de modo inefável e incompreensível, sendo assim chamado filho do homem; pela união da natureza divina e da natureza humana resulta um só Cristo e Filho.

Ribaric (2011, p. 112) acredita nessa doutrina e confirma: “O eu humano de Cristo, é o Verbo encarnado e único de Deus que assume a natureza humana”. São duas naturezas, sem fusão nem separação, em uma pessoa, em união hipostática⁶⁴.

É verdade que a razão é limitada para compreender este Mistério da União Hipostática, como afirmou Cirilo de Alexandria. Racionalmente, é impossível compreender o Mistério da Encarnação (COSTA, 2020, p. 292-293). Porém é uma verdade de fé.

Rahner (1989, p. 235-236) afirma que a encarnação não é um disfarce de Deus, nem do *Logos*, com a finalidade de manifestar a salvação à humanidade. O Filho, de fato, se fez homem possuindo tudo que é humano, inclusive sua subjetividade finita. Tomou a corporalidade criada – fragmento do mundo –, fazendo-a sua realidade. Continua, o dogma da encarnação consiste em crê que Jesus é verdadeiro homem com tudo que comporta a raça humana (exceto o pecado): finitude, mundanidade, materialidade, participando da história.⁶⁵

2.2.4. Heresias Cristológicas

Algumas heresias se levantaram contra as verdades cristológicas. Aqui serão citadas, juntamente com suas características, a saber: ebionismo, adocionismo,

⁶⁴ Pio XII, na Carta Encíclica *Sempiternus Rex*, por ocasião do XV Centenário do Concílio Ecumênico de Calcedônia, relembra (n. 28): “Como em Deus há uma única substância/essência em três pessoas, em Cristo uma pessoa e duas natureza

⁶⁵ p. 237

gnosticismo, docetismo, apolinarismo, arianismo, subordinacionismo, nestorianismo e monofisismo.

O Ebionismo é uma heresia do século I. Considerava Jesus simples homem, dotado de virtudes proféticas e carismáticas, negando sua filiação divina (LOPES, 2023, p. 60). Viviam a Lei Judaica e não aceitavam a pregação de Paulo. Para eles, Jesus nasce normalmente de seus pais e no batismo fora ungido pelo Espírito Santo, recebendo a filiação divina (FRANGIOTTI, 1995, p.19).

O Adocionismo negava a divindade de Jesus. Deus não tinha um filho natural, mas poderia adotar como tal qualquer criatura. Apresentava-se em duas linhas: o adocionismo cristológico ensinava que Deus adota um anjo: Jesus é um anjo, não é filho natural. Já o adocionismo humano pregava que Deus teria adotado como seu filho o homem Jesus de Nazaré, transformando-o num ser divino (LOPES, 2023, p. 60).

A ideia de uma habitação especial, dada pelo batismo, retorna nessa heresia, negando a natureza divina de Cristo. É um homem de extraordinária virtude, chamado por Deus para instaurar seu Reino e o título que recebe de 'Filho de Deus', designa apenas uma relação especial com Deus (FRANGIOTTI, 1995, p. 25).

Já o Gnosticismo, já citado neste trabalho, aceitava a concepção virginal, por obra do Espírito Santo, mas considerava Jesus como um simples homem, que seria unido a Cristo apenas no batismo, concepção de uma encarnação momentânea. Permanecendo, assim, em sua pregação pública e tendo como fim momentos anteriores a sua Paixão e morte de cruz (LOPES, 2023, p. 61).

O Docetismo, já tratado neste trabalho no item 2.1.1, é uma heresia do século I, com influências gnósticas. Trata-se de uma negação a encarnação do Verbo, tentando negar a realidade do corpo de Jesus e a realidade de seu sofrimento e sua morte, que teria sido aparente (FERRARO, 2021, p. 109).

Já a heresia do Apolinarismo, é do século IV. Esta afirmava que o Verbo era o único princípio vital em Jesus, inexistindo a alma racional. Este argumento era usado para explicar a impecabilidade e imutabilidade de Jesus humano. Apenas o corpo era humano n'Ele. Pregava que Cristo possui uma única natureza, natureza divina, natureza do Verbo de Deus encarnada (FRANGIOTTI, 1995, p. 100-101).

Ainda no século IV, aparece o Arianismo, encabeçada por padre Ário. Esta heresia afirmava que o Verbo não é igual a Deus, é superior e anterior a todas as criaturas, ou melhor, é a primeira criatura. Sendo assim, não procede da substância

(*ousía*) do Pai. É criatura feita do nada, como todas outras. Por ser criatura não é eterno (FRANGIOTTI, 1995, 87).

Ário colocou o Filho do lado das criaturas, inferior ao Pai em natureza, missão, autoridade e glória. “O Verbo, portanto, é criatura do Pai, a ele subordinada. Ele é a criatura perfeita de Deus” (LOPES, 2023, p. 69).

O Subordinacionismo, é também uma heresia do século IV. Afirmava que Cristo é inferior e subordinado ao Pai, parecida com a ideia do arianismo. Para adeptos desta heresia Jesus Cristo foi criado por Deus Pai antes da criação do mundo. Criado antes de todas as coisas para exercer a missão de mediador na obra da criação (FRANGIOTTI, 1995, p. 75).

No século V, surge o Nestorianismo. Heresia que tem como autor Nestório, Patriarca de Constantinopla. Este acreditava ser impossível uma união real entre a natureza divina e a natureza humana de Cristo, negando a união hipostática. Desta forma, afirmava a existência de duas pessoas em Cristo: humana e divina, ou seja, Cristo tinha duas naturezas em duas pessoas: natureza humana na pessoa humana e natureza divina na pessoa divina (cf. FRANGIOTTI, 1995, p. 127-128).

Em consequência, nega que Maria é *Theotókos*⁶⁶. A considera apenas *Christotókos*, mãe de Cristo, mãe do homem Jesus de Nazaré.

Por fim, o Monofisismo foi conduzido pelo monge Êutiques. Queria combater o nestorianismo, afirmando que Jesus possui apenas a natureza divina. Porém não como se entende na união hipostática, mas como que a natureza divina absorvesse a natureza humana. Afirmando que Jesus haveria uma única natureza, a natureza divina (FRANGIOTTI, 1995, p. 140).

A heresia monofisista foi a mais popular e poderosa, pois os orientais acreditavam que a “divinização da humanidade em Cristo era o modelo do que deve acontecer com cada cristão” (BETTENCOURT, 2009).

2.2.5. Concílios Cristológicos

Dos 21 concílios ecumênicos realizados pela Igreja Católica, 04 são de grande importância para a doutrina cristológica. São eles: Concílio de Nicéia, Concílio de Constantinopla I, Concílio de Éfeso e Concílio de Calcedônia.

⁶⁶ Mãe de Deus

Acontece na cidade de Nicéia de Bitínia, atual Turquia, o primeiro concílio ecumênico, no ano de 325, convocado pelo Imperador Constantino, no papado de Silvestre, que não compareceu ao mesmo, sendo representado por sacerdotes enviados para tal (MONDONI, 2001, p. 124).

O Concílio trata sobre a natureza divina do Verbo de Deus, confirmando-a. (FERRARO, 2021, p.101). Assim declara que o Filho é consubstancial⁶⁷ (*homooúsios*) ao Pai. É o Filho de Deus, Verdadeiramente Deus, bem como é gerado pelo Pai antes da criação do mundo e não criado, portanto, não é criatura (LOPES, 2023, p. 71-72).

Como resposta as heresias presentes no seu tempo, elabora o Símbolo da Fé e condena o arianismo.

Cremos em um só Deus, Pai onipotente, artífice de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, nascido unigênito do Pai, isso é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, de uma só substância com o Pai (o que em grego se diz *homoúsion*); por meio do qual foram feitas todas as coisas que há no céu e as da terra; o qual, por causa de nossa salvação desceu, se encarnou e se fez homem, e padeceu, e ressuscitou ao terceiro dia, e subiu aos céus havendo de vir julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo. Aqueles, porém, que dizem: 'houve um tempo em que não era e: 'Antes que nascesse não era, ou que dizem ser de outra substância ou essência, ou que Deus é mutável ou alterável, a eles anatematiza a Igreja Católica"⁶⁸

O segundo concílio ecumênico, acontece em Constantinopla. É o primeiro a acontecer nesta cidade. Foi convocado pelo imperador Teodósio, no ano de 381. Este afirmou a natureza humana de Cristo, homem perfeito, juntamente com sua natureza divina: a união hipostática, condenando as heresias arianista e apolinarista (FERRARO, 2021, p. 104).

O Concílio de Constantinopla I, também reconhece a divindade do Espírito Santo, 3ª pessoa da Trindade. Afirma que o Espírito Santo é Senhor que dá a vida e procede do Pai, é glorificado da mesma forma como o Pai e o Filho, é consubstancial ao Pai e ao Filho (FERRARO, 2021, p. 104). Assim sendo, confirma a fé do concílio anterior e desenvolve, ou amplia, a profissão de fé da Igreja, agora conhecida como "Símbolo Niceno-Constantinopolitano":

Creio em um só Deus, Pai onipotente, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, unigênito Filho de Deus e nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, luz da luz,

⁶⁷ Mesma essência, substância, natureza

⁶⁸ DENZINGER, n. 125-126

Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai; por meio do qual tudo foi feito; o qual, em prol de nós, homens, e de nossa salvação, desceu dos céus, e se encarnou, do Espírito Santo, do seio de Maria Virgem, e se fez homem; que também foi crucificado por nós, sob Poncio Pilatos, padeceu e foi sepultado, e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e subiu ao céu, está sentado à direita do Pai e virá novamente para julgar os vivos e os mortos; cujo reino não terá fim. E no Espírito Santo, Senhor e vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho ao mesmo tempo é adorado e conglorificado, que falou por meio dos profetas. E a Igreja una, santa, católica e apostólica. Confesso um só batismo para a remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro. Amém.⁶⁹

O Concílio de Éfeso é considerado o 3º concílio ecumênico. Convocado por Teodósio II, imperador, no ano 431, condenou, sobretudo, as heresias nestoriana e pelagiana. A união hipostática foi novamente assunto conciliar, perguntava-se: Como Deus e homem se unem em Jesus de Nazaré? Como o Verbo Divino se tornara realmente homem? (FERRARO, 2021, p. 105).

Como resposta às perguntas, o concílio aceita as disposições da 2ª Carta de Cirilo de Alexandria a Nestório, condizente à fé de Nicéia e Constantinopla. Aliás, o valor dogmático deste concílio parte desta carta. Cirilo de Alexandria afirmava que o Verbo se uniu, segundo a hipóstase, a carne animada de alma racional, contendo duas naturezas (humana e divina), sem que nenhuma fosse cancelada ou absorvida. Ainda, da Virgem Maria não nasceu um homem qualquer que depois receberia o Verbo, mas encarnou no seu seio o Verbo Divino, assumindo desde já a estirpe humana. Assim, o concílio proclama Maria como *deípara*⁷⁰ (LOPES, 2023, p. 89).

Por fim, o Concílio de Calcedônia, quarto ecumênico, aconteceu no ano 451, com a presença do imperador Marcião. Assuntos dos concílios anteriores são retomados, como as heresias do docetismo, gnosticismo, arianismo, apolinarismo, nestorianismo e monofisismo, as quais são condenadas novamente (FERRARO, 2021, p. 107).

Calcedônia é um aprofundamento do dogma cristológico e reafirmação a fé da Igreja, presente nos símbolos de Nicéia e Constantinopla I. Desta forma, proclama a divindade de Jesus (contra Ário), sua verdadeira natureza humana (contra Apolinário) e a perfeita unidade das naturezas - união hipostática -, que não absorve uma à outra (contra Nestório e Êutiques) (LOPES, 2023, p. 93).

⁶⁹ Idem, n. 150

⁷⁰ Mãe de Deus, a *theotókos*

2.3. Jesus, imagem e revelador do Pai

Jesus é imagem do Pai. O próprio Jesus afirma: “Quem me viu, viu o Pai”⁷¹. Em sua vida e missão, o Cristo revela o olhar misericordioso do Pai. Em todas as suas ações nunca deixou ninguém passar despercebido. Sempre ofereceu um olhar, uma escuta, um toque, uma cura. Estes gestos sempre levavam a presença de Deus e um recomeço de vida. As ações e palavras, tudo, de Cristo é revelação do Pai, a comunicação perfeita e única com a humanidade. É o Verbo Encarnado que dá a conhecer aquele que ninguém é capaz de ver (PCB, 2022, p. 61).

Em tudo Ele apresenta Deus Pai, Aquele que tem uma intimidade única, numa profundidade, que sua condição humana não anula (RIBARIC, 2011, p. 111), pois Ele e o Pai são uma única essência⁷². Concorde Ratzinger (2007, p. 288), pois a vontade de Jesus Cristo é a mesma vontade de Deus Pai.

Cristo, sendo Deus, age como Deus. Como Deus, Ele perdoa os pecadores, oferece Vida Eterna, inaugura uma Nova e Eterna Aliança. É o Novo Moisés, não mais aquele que viu Deus por trás⁷³. Jesus, ‘está no seio do Pai’⁷⁴ e por isso pode revelar o Pai. Como Moises ofereceu o *manah* no deserto ao povo da antiga aliança, o Novo Moisés oferece a Eucaristia, alimento de salvação para nova e eterna aliança. Ainda, Moisés fez jorrar água do rochedo, assim o Novo Moisés faz do seu lado aberto na cruz, o novo rochedo que jorra a água para a Vida Eterna. (COSTA, 2020, p. 230).

Para Barreto e Mateos (2021, p. 444), Jesus é o Novo Santuário, onde habita Deus e pode encontrar com o Pai. Não mais um santuário construído com pedras, mas o Santuário Homem que pratica o amor de Deus e revela à humanidade a essência de seu ser.

Enfim, “é preciso que o homem Jesus em si mesmo, e não só mediante suas palavras, seja a auto-revelação de Deus, e propriamente não o pode ser, se precisamente essa sua humanidade não for a expressão de Deus” (RAHNER, 1989, p. 268)

⁷¹ Jo 14,9b

⁷² Jo 10,30

⁷³ Ex 33,23

⁷⁴ Jo 1,18

2.4. Jesus, modelo de ser humano

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, afirma: “só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem”⁷⁵. Ribaric (2011, p. 110) também afirma: “Jesus revela também o verdadeiro homem contido no ‘sonho’ da criação e chamado à vida plena no mundo”.

Como verdadeiro homem e modelo de ser humano, Jesus Cristo é composto de verdadeiro corpo e verdadeira alma, como todos demais homens e mulheres. Não é um monstro, tampouco um homem mutilado (sem alma). Jesus Cristo de Nazaré é perfeito Deus e perfeito homem. Isto confirma o que disse Tomaz de Aquino: “o Filho do Homem assumiu um corpo verdadeiro porque ele é verdadeiro homem” (COSTA, 2020, p. 266.270).

Cristo é o verdadeiro homem, pois “tudo o que o Criador quis dar à criatura humana com o ‘sopro’ nas narinas de Adão [...] foi realizado na pessoa de Jesus, filho de Maria. Um homem entre os homens, o verdadeiro homem” (PCB, 2022, p. 59). É um homem de caráter ímpar, consciente de sua missão salvadora e fiel observador da vontade de Deus, aceitando e cumprindo os desígnios do Pai até o fim. Mesmo não sendo uma pessoa humana, possuindo apenas a natureza humana e, conseqüentemente personalidade humana, tinha uma perfeita percepção humana (COSTA, 2020, p. 282.308).

Um ser humano perfeito atento às realidades humanas, sobretudo dos enfraquecidas. Um olhar especial aos pobres e humildes se voltavam, um acolhimento aos pecadores, uma piedade aos cegos e doentes (a ponto de curá-los), uma sensibilidade aos dramas da vida humana, como a morte (chorou a morte de Lázaro). São olhos humanos, iguais aos olhos de seus seguidores, ou seja, olhos de homens e mulheres reais (RIBARIC, 2011, p. 113).

Este homem perfeito, Jesus Cristo, é modelo para todos os homens e todas as mulheres. Ele quer que todos e todas sigam seus passos e aprendam com Ele. Pela sua vida abriu um novo caminho ⁷⁶, onde toda a realidade humana recebe um novo significado, sobretudo a vida e a morte, que por Ele são santificadas. São caminhos

⁷⁵ GS, n. 22

⁷⁶ Ferraro (2021) cita Rocha (2018): “Por sua encarnação, o filho de Deus atingiu a humanidade como tal e, mantendo com ela uma relação única e misteriosa, lhe abriu novos caminhos”.

que restituem ao ser humano a semelhança divina, perdida pelo primeiro pecado, recebendo, a perfeição querida por Deus (GS, n. 22).

Assim Santo Irineu escreve na carta contra os hereges: “*Factus est quod sumus nos, uti nos perficeret esse quod est ipse*”⁷⁷ (FERRARO, 2021, p. 73). Enfim, na humanidade de Jesus Cristo se manifesta o verdadeiro homem, chamado à vida plena, perfeita.

Ratzinger (2015, p. 175), acredita que o ser humano se torna total em si mesmo, quando vai além de si, não se fecha, mas abre-se ao Outro, a Deus. Jesus é esse modelo de ser humano que chegou verdadeiro a si. É a abertura para o infinito que faz o homem e a mulher ser humano. Quanto menos a humanidade se limita, se fecha, tanto mais será humano. Portanto, é mais humano aquele que é ilimitado, totalmente aberto a tocar o infinito. Mais ainda, aquele que é um com o ser infinito: Jesus Cristo.

Jesus Cristo é a imagem exemplar da humanidade. Ele é numa só pessoa a recapitulação de todas as atitudes humanas encontradas na Aliança, bem como Palavra de Deus feita pessoa. Para Balthasar (2023, p. 47), Cristo é a realização viva do Antigo Testamento. Ao mesmo tempo, Jesus é um “resumo” das figuras importantes da Economia da Salvação, a saber: pais da fé, legisladores, juízes, reis, profetas, servo de Deus.

Cristo é a abreviatura de Deus, assim como o homem e a mulher são cifra de Deus. Quando Deus pensa em sair de si e não ser Ele, cria o ser humano. Ou seja, quando Deus quer ser não-Deus, surge o ser humano, inserido no seio do mistério sempre incompreensível, pois participa deste mistério infinito de Deus. Os homens, em última instância, só existem porque devia existir o Filho do Homem. Assim pode-se concluir que o ser humano é resultado do entrar de Deus no “vazio do nada não divino” (RAHNER, 1989, p. 268).

⁷⁷ “O Filho de Deus tornou-se o que somos para que recebêssemos parte de sua perfeição”

CAPÍTULO 3 – O ENCONTRO QUE RESSIGNIFICA A VIDA

As Escrituras Sagradas Neotestamentárias atestam que em Cristo todas as palavras dos profetas se cumpriram, pois Ele é a palavra que vivifica toda carne. Ele é Deus, único capaz de realizar sinais, prodígios e milagres como se vê nas páginas sagradas. Jesus Cristo transforma a realidade de pessoas quando estas apresentam suas fragilidades humanas, como doenças, deficiências, mortes, fome, perigos etc. Muitas dessas fragilidades foram vividas pelo Verbo Encarnado. Assim manifesta seu poder divino e mostra a essência de sua missão, bem como o exercício cotidiano de seu ministério (PCB, 2022, p. 41-44).

Aqueles que clamam a Jesus e professam sua fé n'Ele tem sua vida restituída, renovada. Isso acontece com Zaqueu⁷⁸, samaritana⁷⁹, leproso⁸⁰, parálítico na piscina de Betesda⁸¹, Bartimeu⁸², o homem da mão seca⁸³, hidrópico⁸⁴, mulher adúltera⁸⁵ e o cego de nascença⁸⁶. É a fé em Jesus Cristo que liberta do medo e das incertezas, dando às pessoas uma nova esperança, capaz de louvar a Deus com sinceridade de coração (PCB, 2022, p. 43).

Ao encontrar todos aqueles que narram as Sagradas Escrituras do Novo Testamento, Jesus manifesta seu poder, realizando seus sinais. Sinais estes que manifestam que Cristo é o Filho de Deus. Ao curar, por exemplo, o cego de nascença, Jesus manifesta-se como luz do mundo, devolvendo, assim, o sentido da vida, a dignidade humana daquele que estava a margem. Tendo acreditado na palavra de Jesus, o curado tem acesso a verdadeira vida.

3.1. O Encontro com Jesus do cego de nascença, narrado pelo Evangelho segundo João

O Evangelho segundo João, também chamado de 4º Evangelho, tem autoria

⁷⁸ Lc 19,1-10

⁷⁹ Jo 4,1ss

⁸⁰ Mt 8,1-4

⁸¹ Jo 5,1-15

⁸² Mc 10,46-52

⁸³ Mc 3,1-6

⁸⁴ Lc 14,1-6

⁸⁵ Jo 8,3-11

⁸⁶ Jo 9,1-7

atribuída ao apóstolo João, o filho de Zebedeu, pela Tradição da Igreja, testemunha ocular dos relatos narrados. Apesar do mesmo não ter escrito outros fatos que presenciou. Escrito para comunidades joaninas compostas por cristãos provenientes da cultura judaica (KONINGS, 2019, p. 8-9).

O evangelho segundo João possui uma topografia mais rica, em relação aos sinóticos⁸⁷, contendo mais detalhes minuciosos. O que demonstra que o autor possuía bom conhecimento dos costumes judaicos e um pensamento rabínico, equivalente aos doutores da Lei (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002; BÍBLIA SAGRADA, 2007).

O objetivo do autor é mostrar que a história é tanto divina quanto humana, que a história e a teologia se desenvolvem no tempo, porém mergulha na eternidade: a encarnação do Verbo para a Salvação dos homens. Durante todo o evangelho de João subentende-se que a promessa de Deus fora cumprida, com o envio do Novo Moisés: Jesus Cristo, profeta por excelência⁸⁸ (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002; BÍBLIA SAGRADA, 2007).

O 4º evangelho se difere dos sinóticos, por narrar milagres que os sinóticos ignoram, por exemplos: o milagre das bodas de Caná e a Ressurreição de Lázaro; por conter longos discursos, a exemplo do discurso do capítulo 6, após a multiplicação dos pães; bem como uma Cristologia que aponta sempre à divindade de Cristo (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002; BÍBLIA SAGRADA, 2007).

O Evangelho segundo João é estruturado em duas partes principais, a saber o Livro dos Sinais e Livro da Glória. Antecedendo o Livro dos Sinais, tem-se o Prólogo seguido pelo testemunho de João batista sobre Jesus. Posterior ao Livro da Glória encontra-se uma breve conclusão, acrescido um apêndice, que se trata da aparição de Jesus após a ressurreição aos discípulos à margem no lago de Tiberíades (VASCONCELLOS, 2018, p. 23).

Para Konings (2005, p. 17), o Livro dos Sinais é o anúncio da obra e palavra de Jesus, enquanto ainda não chegou sua “hora”. Nesta parte do evangelho se encontra episódios da vida pública de Jesus, principalmente a enumeração destes grandes milagres, sinais. A segunda parte é a “hora de Jesus”.

⁸⁷ Sinóticos são os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. “São chamados ‘evangelhos sinóticos’ não só porque são muito semelhantes entre si, mas porque formam um conjunto que se diferencia muito daquilo que se encontra no Evangelho segundo João” (VASCONCELLOS, 2018 p. 8).

⁸⁸ Jo 6,14

Tabela 1
Os 7 sinais de Jesus, segundo João

1º sinal: Bodas de Caná: transforma água em vinho	Jo 2,1-12	<i>“Fazei tudo o que Ele vos disser”</i>
2º sinal: Cura do filho de um funcionário real	Jo 4,46-54	<i>“Vai, o teu filho vive”</i>
3º sinal: Cura do paraplético na piscina de Bethesda	Jo 5,1-15	<i>“Levanta-te, toma o teu leito e anda”</i>
4º sinal: Multiplicação dos pães na Galileia	Jo 6,1-15	<i>“Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca”</i>
5º sinal: Jesus caminha sobre as águas do mar da Galileia	Jo 6,16-21	<i>“Sou eu. Não temais”</i>
6º sinal: Cura do cego de nascença	Jo 9,1-7	<i>“Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus”</i>
7º sinal: Ressurreição de Lázaro	Jo 11, 1-44	<i>“Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá”</i>

O Livro dos Sinais condensa um conjunto de 7 sinais, que não podem ser chamados de meros ‘milagres’, pois estes carregam grandes significados e revelações do Filho do Homem. Os sinais eram realizados para que todos cressem Nele e encontrasse um sentido profundo da vida humana, a vida em abundância (VASCONCELLOS, 2018, p. 25).

Para Vasconcelos (2018, p. 34), a ordem das narrativas dos sinais parece intencional. O primeiro sinal se relaciona com a vida do povo, numa festa de casamento, no meio ele se revela como profeta alimentando uma multidão faminta e, no último sinal, se afirma Senhor da Vida, quando ressuscita seu amigo Lázaro.

Os sinais revelam quem é Jesus para todos aqueles que o encontram e tem suas vidas transformadas. Cada sinal manifesta uma esperança renovada e, como

consequência, aqueles que escutam o relato de tal sinal deseja encontrar Jesus, que sempre age em favor da humanidade (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 430).

Pelos seus sinais, Jesus é aquilo que realiza o sinal, ou seja, Ele é a luz que brilha nos olhos do homem que era cego, Ele é a água viva presente na piscina de Siloé. Enfim, “o sinal é a visualização concreta do dom de Deus em Jesus” (KONINGS, 2016, p. 37).

3.1.1. O sexto Sinal: a cura do cego de nascença

O Sexto Sinal de Jesus no Evangelho segundo João está no capítulo 9, que narra o episódio do encontro e a cura do cego de nascença, realizada por Jesus.

Ao passar, ele viu um homem, cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: “Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?” Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus”. Enquanto é dia, temos de realizar as obras daquele que me enviou; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. Tendo dito isso, cuspiu na terra, fez lama com a saliva, aplicou-a sobre os olhos do cego e lhe disse: “Vai lavar-te na piscina de Siloé” – que quer dizer “Enviado”. O cego foi, lavou-se e voltou vendo claro.⁸⁹

É necessário levar em consideração o contexto do relato bíblico acima. Primeiro, se acreditava que a doença era castigo de Deus, em consequência do pecado cometido por si mesmo ou por seus pais. Nesse caso, se o homem nascido cego foi punido pelo seu pecado, este cometeu ainda no seio de sua mãe. Logo, deste doente era excluído do convívio social, que nem mesmo aprender a Lei poderia (BORTOLINI, 1994).

O cego também era um mendigo, pois todo doente era incapaz de qualquer atividade civil, inclusive de participar dos cultos no templo, ficando, assim, às portas, à margem. A pergunta dos discípulos pode parecer um pouco estúpida, mas é verdade que naquela época era comum rabinos afirmarem que no útero da mãe já existia a possibilidade de pecar e a ideia de que a consequência de pecados dos pais poderia ser manifestada nos filhos (KONINGS, 2005, p. 197).

Abrir os olhos aos cegos é ação somente de Deus. Jesus ao curar o cego de nascença, quebrando o preconceito e manifestando as obras de Deus, se autoafirma

⁸⁹ Jo 9,1-7

como Deus e recria a humanidade deste homem, pois do barro a cura acontece. Ao final, manda lavar-se na piscina de Siloé, traduzido como enviado, significando a missão de Jesus nesse mundo: enviado como homem para revelar ao homem o que é o homem (BORTOLINI, 1994).

Jesus não admite que o cego seja o culpado por sua marginalização. A marginalização dos pobres e doentes vem de uma realidade externa e nunca internamente, vem do preconceito social (VASCONCELOS, 2018, p. 77). Pois bem, diante a exclusão, Jesus reivindica o direito à vida dos fracos e pobres, pois a vida humana é sempre sagrada, independente de suas consequências. Onde aparentemente se prova das “trevas”, Ele traz a “luz”. Onde parece se instalar a “morte”, Jesus presenteia com a vida plena (DAp, n. 112).

O encontro com Jesus é acolhedor, Ele não olha os limites, fraquezas, doenças ou pecados. Pelo contrário, trata a todos como merece, cuidando de cada um na sua singularidade. Se oferecendo como um lugar de permanência, onde não tem mais a possibilidade de exclusão, como havia em meio a sociedade em que vivia. Quando toca o cego de nascença, dentre outros, estabelece sua saúde, sua dignidade e sua vida social. É o caminho de vida nova (CNBB, n. 67-69).

Da doença oriunda de um acidente natural da vida humana, a ação de Deus é realizada pela pessoa de seu Filho, o Enviado. A cura acontece no contexto da Festa das Tendias. Jesus revela-se como verdadeira luz e como a água da salvação. Da piscina de Siloé haveria de sair a procissão de “luz e água” (KONINGS, 2005, p. 198).

Jesus é a luz que ilumina os que andavam nas trevas, bem como é a água que jorra para vida eterna, que lava e purifica todas as impurezas, bem como sacia toda sede da humanidade. É o verdadeiro “Siloé”, o enviado para iluminar, lavar, purificar e saciar.

3.2. Recriação

Ao ser curado, aquele homem que era cego tem sua vida transformada, uma nova vida se inicia. Ele nasce novamente, ele é recriado. Este sinal de Jesus, de curar a cegueira com barro, recorda o ato da criação do homem e da mulher, realizado no sexto dia. (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 426). Em Jesus, e seu Mistério de Redenção, a humanidade é novamente criada, é novamente “reproduzida” (RH, n. 10).

Misturado ao barro está a saliva de Jesus, que juntos foram os instrumentos da cura do homem ora cego. Segundo Barreto e Mateos (2021, p. 427), a saliva transmitia a energia vital da pessoa. De maneira especial, a saliva do primogênito do pai, curava as enfermidades dos olhos. Logo “o barro com saliva dignifica a criação do novo homem” (p. 427). A este homem, Jesus devolve sua dignidade.

Ao se dirigir a Siloé, o ex-cego atinge sua integridade de pessoa⁹⁰. Ele acredita no Filho do Homem e vai lavar-se, retorna curado. A obra de Deus se realiza. (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 428). “A fé em Jesus Cristo como o Filho do Pai é a porta de entrada para a Vida” (DAp, n. 101).

Neste encontro pessoal com Jesus, o ser humano torna-se capaz de conhecer quem é ele, quem é o ser humano. Abrindo os olhos ao cego, Jesus se apresenta/revela como modelo perfeito ser humano, a Luz que brilha no mundo. O cego mendigo que se encontrava numa situação de impotência, vulnerabilidade, estagnado, dependente dos outros, adquire uma mobilidade própria, nova consciência de si, independência e liberdade capaz de se sentir digno do convívio social⁹¹ (BARRETO, MATEOS, 2021, p. 429.442.443).

O Encontro com Acontecimento, Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, devolve o valor humano, a dignidade humana daquele que vivia na escuridão. Este encontro abre os olhos, ou seja, abre-se à oportunidade de enveredar um novo caminho, uma nova história, uma vida plena⁹² (DAp 243).

Jesus não comunica uma doutrina, mas uma experiência do que é o ser humano. Criatura tão amada por Deus, a esta é dada sua imagem e semelhança. Deus sempre toma a iniciativa de dar-se a conhecer e vem ao encontro dos homens e mulheres. Não os abandona, não os deixa à margem. Pelo contrário, resgata e renova sua vida. Recria a humanidade, enviando seu Filho como Redentor de toda a raça humana. Percebe-se tudo isso no relato da cura do cego de nascença. No sexto sinal, Jesus revela o valor da humanidade. Parece já ali reestabelecer o vínculo originário de Deus com a humanidade, reatado por Ele definitivamente na sua

⁹⁰ “A vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana” (DAp, n. 356).

⁹¹ “Deus em Cristo não redime só a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os seres humanos” (DAp, n. 359)

⁹² Bento XVI assim afirma na Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (n. 1): “[...] o encontro com o acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.

ressurreição. A plenitude de vida que está presente em Cristo é destinada à humanidade (RH, n. 22).

3.3. O ser humano como destinatário do Evento Cristo

O Verbo Encarnado veio ao mundo para redimir todo ser humano, por isso se fez homem e modelo para a humanidade inteira (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 443). Por isso, a plenitude de vida presente Nele, desenvolve a plenitude na existência humana (DAp, n. 13).

Muitos homens e mulheres vivem sem sentido de vida. Vivem como que cegos, incapazes de encontrarem verdadeiros valores e se entregam as situações desprovidas de significados e acabam se perdendo no caminho. Não encontraram ainda um modelo de vida. Não tiveram um encontro que seja capaz de transformar suas realidades e perspectivas. Para Vasconcelos (2018, p. 78), o compromisso de Jesus é justamente oferecer uma vida de qualidade para que os curados possam gozar de saúde e luz, como acontecera com o cego de nascença curado.

A missão de Jesus é restaurar o gênero humano, manifestando a Luz em meio às trevas. O homem favorecido pela cura da visão poderá ir muito mais além do que poderia imaginar, sua vida ganhou um grande impulso (VANCONCELLOS, 2018, p. 78).

Jesus se apresenta como Caminho, Verdade e Vida⁹³. Único caminho que leva à vida verdadeira. Ele é o modelo de homem perfeito, cumulado de vida plena. É o ser humano conforme o desejado do Pai na criação. É o que Ele comunica com sua realidade, suas palavras, atitudes e sinais (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 430).

Jesus transmite uma vida cheia de significados, uma vida redimida, reestabelecida na graça. Comunica Deus e refaz a intimidade com o divino. Desfaz as falsas verdades existentes no ser humano. O cego de nascença ao ter suas vistas recuperadas tem a possibilidade de saber a verdade da vida, viu as verdadeiras imagens, que em sua mente deveriam ser totalmente distorcidas (DAp, n. 109).

Jesus Cristo, pela sua encarnação, uniu-se a cada homem e mulher em sua integralidade. Toda humanidade foi acolhida no Mistério da Redenção, todos são participantes da plenitude do mistério, desde o seio materna. Cristo, de fato, envio ao

⁹³ Jo 14, 6

mundo por causa da humanidade, para dar vida a “única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma”⁹⁴ (RH, n. 13).

Esta “união de Cristo com o homem é em si mesma um mistério, do qual nasce o ‘homem novo’ [‘ser humano novo’], chamado a participar na vida de Deus, criado novamente em Cristo para a plenitude da graça e da verdade” (RH, n. 18).

Cristo é aquele que adentrou de forma irrepitível no mistério da humanidade, entrou no coração humano. Pois, como afirma a *Gaudium et spes*, “só o mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem”, Cristo revela, por sua natureza humana, a totalidade do ser humano (o ser humano como Deus o quis criar) ao próprio ser humano e restitui a semelhança divina, perdida pelo primeiro homem (RH, n. 8).

Ainda a *Redemptor Hominis* (n. 10), aconselha:

O homem que quiser compreender-se a si mesmo profundamente - não apenas segundo imediatos, parciais, não raro superficiais e até mesmo só aparentes critérios e medidas do próprio ser - deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. Ele deve, por assim dizer, entrar n'Ele com tudo o que é em si mesmo, deve “apropriar-se” e assimilar toda a realidade da Encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo.

Para Rahner (1989, p. 268), assim como a pergunta só existe por conta de haver uma possibilidade de resposta, Deus criou os seres humanos para ter a possibilidade da Encarnação do Verbo. A pergunta quem é o ser humano só se sustenta pela possibilidade da resposta de quem é Deus, aquele que se fez humano.

“O homem é por toda eternidade o mistério expresso de Deus, aquele que por toda a eternidade participa do mistério do seu fundamento” (RAHNER, p. 269).

Enfim, é preciso aderir a Jesus, o Deus-homem, o homem-Deus. A fé consiste nessa adesão. Neste caminho, a Igreja oferece meios para que o encontro com Jesus aconteça e sempre se renove.

3.4. Os Meios que a Igreja oferece aos fiéis para renovar sempre o encontro com Jesus

A Igreja como mãe e mestra aponta caminhos e oportunidades para que ao homem e a mulher faça e/ou renove seu encontro pessoal com Jesus Cristo. Além

⁹⁴ GS, n. 24

disso, afirma este encontro que transforma a humanidade se realiza no seio maternal eclesial, ou seja, na própria Igreja. O Papa Bento XVI afirma: “A Igreja é nossa casa! Esta é a nossa casa! Na Igreja Católica temos tudo o que é bom [...] Quem aceita Cristo Caminho, Verdade e Vida, em sua totalidade, tem garantida a paz e a felicidade, nesta vida e na outra vida!”⁹⁵

A Palavra de Deus é uma via de encontro com Jesus, pois nela estão contidas as palavras de salvação, as palavras de espírito e vida⁹⁶. A importância do exercício da *Lectio Divina*⁹⁷ leva o homem e a mulher a escutar a voz do Senhor que é luz para os passos, luz que transforma as realidades cotidianas. Pela leitura bíblica o ser humano é capaz de entrar em comunhão com Deus e conhecer seus mistérios. A mística desse encontro é semelhante aos homens e mulheres tocados por Jesus em sua vida pública, estes deixaram-se ser recriados pela sua abertura à experiência de misericórdia com o Senhor (DAp, n. 247-249).

Uma especial atenção pede a CNBB (n. 272) à homilia. Esta deve ser bem preparada e breve, numa linguagem capaz de alcançar os homens e mulheres presentes na assembleia litúrgica em suas realidades, levando a Palavra de Deus a sua eficácia. A mensagem bíblica deve desencadear um encontro com Cristo pelas palavras do pregador.

A Liturgia Sagrada é lugar admirável de encontro com Jesus, sobretudo na Eucaristia. Viver cada momento litúrgico é penetrar, de modo mais profundo, no Mistério Pascal de Cristo, sua Redenção. Desta forma, os homens e mulheres são chamados a colocarem como centralidade de sua vida a Eucaristia, cume e ápice da vida cristã. A Eucaristia Dominical é preceito de grande importância, dia por excelência em que todos os cristãos se reúnem em comunidade como família de Cristo (DAp, n. 250-253). Os lugares que são impossibilitados de celebrar a Eucaristia Dominical, por motivos pastorais, celebre-se o culto da Palavra de Deus, dirigido por um diácono ou um ministro leigo). A Celebração da Palavra de Deus também é ocasião oportuna de encontro com o Senhor (CNBB, n. 273).

O Sacramento da Reconciliação é outra via de encontro com Jesus por meio da misericórdia. Foi por misericórdia que Cristo resgatou a vida do cego de nascença

⁹⁵ Discurso do Papa Bento XVI no final da oração do Santo Rosário no Santuário de Nossa Senhora Aparecida (sábado, 12 de maio de 2007) in CELAM (2008, p. 283).

⁹⁶ Jo 6,63

⁹⁷ Leitura Orante da Palavra de Deus

e tantas outras pessoas que passam por seu caminho. Este sacramento faz ecoar o amor de Deus que é mais forte do que o pecado, libertando de tantas as “correntes” que limitavam a experiência de vida verdadeira (DAp, n. 254).

Ainda, a oração pessoal e comunitária são caminhos que levam ao encontro com Jesus Cristo. É lugar de renovar sua amizade com o divino e renova suas forças para caminhar. Momento de graça, transcendente, deixando Deus agir em sua vida. Fruto desta oração pessoal e comunitária é a vivência fraterna, onde Cristo é encontrado no outro. Experimentam o mistério da ressurreição, pois o Senhor aparece ressuscitado na comunidade dos discípulos e nunca a uma pessoa isolada (DAp, n. 255-256).

De modo especial, Cristo é encontrado no rosto dos pobres, aflitos, marginalizados e enfermos. Nestes a solicitude caritativa é compromisso de todo cristão, de toda cristã. Unir-se a estas pequenas criaturas é unir-se ao próprio Cristo, Senhor (DAp, n. 257).

Por fim, o Encontro Pessoal com a Pessoa de Jesus Cristo pode acontecer nas diversas manifestações de piedade popular. Expressões como: festas de padroeiro, novena, rosário, via-sacra, procissões, peregrinação, romaria, promessa, oração nas casas, cânticos, são momentos de encontro com o transcendente na realidade de vida do povo, que toca suas lutas e dores, sonhos e alegrias. Uma experiência de caminhar ao lado ao próprio Senhor e nunca só. Na religiosidade popular contém uma espiritualidade encarnada no cotidiano de cada homem e mulher (DAp, n. 258-263).

A Sagrada Liturgia não abarca toda espiritualidade cristã. Por esse motivo, a religiosidade popular tem grande validade na experiência do povo de Deus. Mas esta deve estar arraigada no Mistério Pascal. Destaca-se a devoção mariana, que deve expressar o pedido de intercessão à Mãe de Deus, bem como seguimento ao seu Filho, Jesus Cristo, o Senhor (CNBB, n. 280).

A Carta Encíclica *Redemptor Hominis* (n. 13-14), afirma que Jesus Cristo é a principal via da Igreja e do ser humano. Por essa via a Igreja proporciona a experiência transcendental ao homem e a mulher. Por isso a Igreja deve se esforçar para tornar a vida humana sempre mais humana, contribuindo à verdadeira dignidade humana.

Jesus, fonte de água viva, sacia a sede humana, como já dito neste trabalho. Logo, urge que a Igreja ofereça dessa água, Água Viva, servindo-se como um poço, da qual todos podem se aproximar e tomar da água. A Igreja é o lugar onde todos ocorrem para saciar-se. (CNBB, n. 326)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada à importância do assunto desta presente pesquisa, torna-se relevante perceber que o estudo da teologia precisa tocar a humanidade, as realidades humanas. Da mesma forma como a experiência com Jesus possibilitou uma ação concreta na vida daqueles que o encontraram.

Pois, o Verbo Encarnação, o Filho de Deus, Aquele que por sua *kenosis* assume a condição humana, numa união hipostática, ensina o ser humano a ser mais humano, fraterno, misericordioso e irmão. Isso através de sua vida, seus atos e palavras. Ele é o ser humano tal como Deus o quis e criou, o Homem Perfeito.

O Encontro Pessoal com Jesus transforma a vida daqueles que creem n'Ele e se tornam seus discípulos e discípulas. Todos que tiveram uma experiência com Jesus Cristo, mudaram de vida, de mentalidade, seus desejos e vontades são outros, cheios de significados. O homem e a mulher são resgatados. O Mistério da Encarnação revela o ser humano ao próprio ser humano. A humanidade encontra-se na pessoa de Jesus Cristo. E este último realiza sua missão de recriar a humanidade.

A cura do cego de nascença é um resumo de toda ação de Jesus na vida do ser humano. Devolver a sua vista é devolver a dignidade humana, oferecer um novo rumo de vida. Esta perícopes relembra o sexto dia da criação, dia em que o homem e a mulher foram criados do barro, assumindo uma vida à imagem e semelhança de Deus. O envio do homem que havia sido cego à piscina de Siloé para se lavar retoma o tema da liberdade, dom dado por Deus desde a criação para as decisões humanas. Sendo assim, o ser humano é recriado e tem sua imagem e semelhança divinas resgatadas.

Na “imagem” do cego de nascença, enxerga-se a missão de Jesus, a saber: restaurar, resgatar, ressignificar, salvar, recria a humanidade. Desta forma, o ser humano é destinatário do Mistério da Encarnação.

E ainda, a Igreja ajuda o homem e a mulher neste caminho, oferecendo meios de encontrar com Jesus Cristo, bem como renová-lo.

Por fim, se se fala em estudar teologia de joelhos (pois a espiritualidade é necessária neste caminho) quanto mais precisa que esta teologia toque a realidade humana, seja uma “teologia encarnada”. Caso contrário não fará sentido, pois ficará apenas em conceitos e conhecimentos e não chegará na prática pastoral.

Cristo, o Verbo, é origem e fim da vida humana. Logo pode-se concluir que a cristologia constitui o começo e o fim da antropologia.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, Hans Urs Von. *In ASSUNÇÃO*, Rudy Albino de. (Org.). **DEUS, eternamente jovem e surpreendente**. Textos escolhidos sobre Trindade e Cristologia. São Paulo: Paulus, 2023.

BARRETO, Juan; MATEOS, Juan. **O Evangelho de São João**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2021.

BATISTELLA, Fabio Jr.; ERTL, Edgar Xavier. **O homem criado à imagem e semelhança de Deus**. Aspectos da Antropologia Teológica. Faculdade Palotina, 2011. Disponível em: <<https://revistas-old.fapas.edu.br/litterarius/article/viewFile/32/50>>. Acesso em: 24. set 2023.

BENTO XVI. Catequese de Bento XVI: Mistério da Encarnação - 09/01/2013. **Canção Nova**. Cachoeira Paulista, 2013. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/papa/catequese-de-bento-xvi-misterio-da-encarnacao-09012013/>>. Acesso em: 10. out. 2023.

BETTENCOURT, D. Estêvão. **As Heresias Cristológicas e Trinitárias**. Dicastério para o Clero. Vaticano, 2009. Disponível em: <https://www.clerus.org/clerus/dati/2009-01/02-13/As_Heresias_Cristologicas_e_Trinitarias.html>. Acesso em: 03. nov. 2023.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2017.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 6. ed. Brasília: CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2007.

BORTOLINI, José. **Como ler o Evangelho de João**. O caminho da vida. São Paulo: Paulus, 1994.

BRIEND, J. **Uma leitura do Pentateuco**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1985 (Coleção Cadernos Bíblicos 3).

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB. São Paulo: Paulus e Paulinas, 2008.

CNBB. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. Documento 100. Brasília: CNBB, 2014.

CORBELLINI, Dom Vital. A Encarnação do Verbo em Santo Irineu de Lyon. **CNBB (Conferência dos Bispos do Brasil)**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/a-encarnacao-do-verbo-em-santo-ireneu-de-lyon/>>. Acesso em: 01. nov. 2023.

CORREIA, Amanda de Fátima Fernandes. Os quatro animais simbólicos. **IFTE (Instituto Filosófico-Teológico Santa Escolástica)**. Bragança Paulista, 2014. Disponível em: <<https://ifte.blog.arautos.org/2014/03/os-quatro-animais-simbolicos/>>. Acesso em: 20. nov.2023.

COSTA, França. **Jesus Cristo, o Único Salvador**. Cristologia e Soteriologia. 2. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2020.

DENZINGER, Hunermann. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Tradução: José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2006. (edição digital)

FACULDADE DEHONIANA. Cristologia 5 aula. Taubaté, 2019. Disponível em: <<https://dehoniana.edu.br/wp-content/uploads/2019/10/Cristologia-5-aula.pdf>>. Acesso em: 15. out. 2023.

FERRARO, Benedito. **Cristologia**. 7 ed. Coleção Iniciação à Teologia. Petrópolis: Vozes, 2021.

FONSATTI, Pe. José Carlos. **O Pentateuco**. Petrópolis: Vozes, 2002 (Coleção Cadernos temáticos para evangelização).

FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias**. Séculos I – VII. Conflitos ideológicos dentro do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis***. São Paulo, Paulinas.

KONINGS, Johan. **Evangelho Segundo João**. Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **O Evangelho do discípulo amado**. Um olhar inicial. São Paulo: Loyola, 2016.

_____. **João**. O evangelho do amor de Deus. São Paulo: Loyola, 2019.

LADARIA, Luis F. **Introdução à Antropologia Teológica**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2016 (Coleção IDT).

LIÃO, Irineu. **Livros I, II, III, IV e V**. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

LIMA, Alessandro. S. Inácio de Antioquia: Epístola aos Esmirniotas. **Veritatis Splendor**. 2002. Disponível em: <<https://www.veritatis.com.br/carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-esmirniotas/>>. Acesso em: 19. out. 2023.

_____. S. Inácio de Antioquia: Epístola aos Tralianos. **Veritatis Splendor**. 2002. Disponível em: <<https://www.veritatis.com.br/carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-tralianos/>>. Acesso em: 19. out. 2023.

_____. S. Inácio de Antioquia: Epístola aos Éfesios. **Veritatis Splendor**. 2002. Disponível em: <<https://www.veritatis.com.br/carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-efesios/>>. Acesso em: 19. out. 2023.

LOPES, Adilton Pinto. **Apostila Curso de Cristologia UCSAL**. Salvador, 2023. (edição digital)

MONDONI, Danilo. **História da Igreja na Antiguidade**. Coleção CES. São Paulo: Loyola, 2001.

MONTFORT, Associação Cultural. **Concílio Ecumênico de Trento**. Decreto sobre o pecado original. Montfort, 2016. Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilios/trento/>>. Acesso em: 25. set 2023.

MOSER, Antônio Frei. **O pecado** do descrédito ao aprofundamento. Petrópolis: Vozes, 1996.

PIACENTE, Leonardo Henrique. O encontro do cristianismo com a cultura clássica: a questão em Irineu de Lião. **Pontifícia Universidade Católica de Campinas**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16320/cchsa_ppgcr_me_Leonardo_HP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20. out. 2023.

PIO XII. **Carta Encíclica *Sempiternus Rex Christus***. Vatican, 1951. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091951_sempiternus-rex-christus.html>. Acesso: 24. out. 2023.

_____. **Carta Encíclica *Humani Generis***. Vatican, 1950. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html>. Acesso em: 25. set 2023.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **O que é o homem?** Um itinerário de antropologia bíblica. Brasília: CNBB. São Paulo: Paulinas, 2022.

RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé**. Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989. (Coleção Teologia Sistemática)

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**. Prelações sobre o Símbolo Apostólico. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. **Jesus de Nazaré**. Do Batismo no Jordão à Transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007.

RIBARIC, Sergio Alejandro. O Homem no Mistério das Relações Divinas. **Reveleto (Revista Eletrônica Espaço Teológico)**, PUCSP, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 110-116, julho, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/8060/5970>>. Acesso em: 19. out. 2023.

RUBIO, Alfonso Gracia. **Elementos de Antropologia Teológica**. Salvação cristã: salvos de quê e para quê? Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTA SÉ. **Catecismo da Igreja Católica**. 5. ed. Brasília: Novíssima Edição, CNBB, 2022.

SANTOS, Eduardo dos; XAVIER, Donizete José. A Descido do Deus Trindade – A Kénosis da Trindade. **Revista de Cultura Teológica**, PUC-SP, São Paulo, v. 16, n. 62, p. 111-123, janeiro, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/200004539/Downloads/15629-Texto%20do%20artigo-38065-1-10-20130627.pdf>. Acesso em: 24. out. 2023.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Lendo o Evangelho de segundo João**. Para que todos tenham vida. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Lendo a Bíblia)

VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: **DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II**. São Paulo: Paulus, 1997 (Coleção Documentos da Igreja).

_____. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: **DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II**. São Paulo: Paulus, 1997 (Coleção Documentos da Igreja).